

William Héctor Gómez Soto¹

Guillermo Stefano Rosa Gómez²

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento e visa a caracterização de um grupo de militantes do movimento estudantil universitário e que posteriormente desempenharam diversas atividades na guerra, nas organizações populares, e no novo governo revolucionário. Pensa-se de que a análise da memória do grupo pode permitir aprofundar sobre as motivações para participar num movimento de alto risco. Participar do movimento de luta contra a ditadura somozista tinha um alto custo: perder a vida, como de fato aconteceu com muitos que participaram do movimento. A pesquisa se centra num grupo de mais de 50 pessoas, reunidos numa ferramenta moderna de comunicação que possibilita o intercâmbio de informações independente dos lugares em que se encontram os membros do grupo.

Introdução

O objetivo do trabalho, parte de uma pesquisa em andamento, é recuperar, a partir das contradições e vicissitudes do presente, a memória coletiva de sujeitos que, em sua juventude, na segunda metade dos anos 1970, participaram na luta contra a ditadura de Anastasio Somoza, na Nicarágua. Buscamos analisar um fenômeno histórico - a derrubada da ditadura na Nicarágua – a partir de um estudo de experiências particulares. As interpretações deste acontecimento e de suas reverberações no presente, são diversas e variam conforme a inserção dos sujeitos neste processo. Dessa forma, coube estudar as trajetórias individuais e a construção negociada de uma memória coletiva, a partir de uma experiência

¹ Professor do Curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

² Mestrando em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

pessoal e a própria memória em interação com os membros de um novo grupo, desta vez virtual, ainda que também em contato físico que cada vez mais frequentes ao redor de eventos comemorativos reuniões e, principalmente, cerimônias religiosas.

Recorre-se à própria memória da participação no movimento, numa espécie de observação participante retrospectiva, “método” que alguns cientistas sociais brasileiros têm utilizado.

O grupo estudado é composto por militantes sandinistas que participaram da luta contra a ditadura, primeiramente no movimento estudantil em Manágua, e logo, dispersos, inseridos em diversos locais, em cidades do pacífico nicaraguense como Carazo, Masaya, Diriamba, León e Chontales, realizando atividades políticas de organização da população e atividades políticas e militares.

Variadas motivações levaram esses atores a participar de um movimento de alto risco. Podemos citar a busca de uma sociedade justa, menos desigual, sem pobreza, com emprego e democracia, mas, principalmente, a necessidade ética de lutar contra um regime autoritário e repressivo. Isso se deixa aparecer nas diversas postagens do grupo, reafirmando as ações realizadas na segunda metade dos anos 70, quando eram jovens de uma idade média de 20 anos.

A reconstrução da memória coletiva, não isenta das contradições do momento atual, e os conflitos entre a origem social e as trajetórias individuais dos membros do grupo, possibilitam a resignificação da participação política e, portanto, do imaginário coletivo. Está colocado nesta investigação os processos de negociação das memórias individuais com as memórias coletivas, como demonstra Maurice Halbwachs Para este autor, o tempo está imerso no âmbito do “convívio social” (*idem*, p.36) e cada lembrança é uma história vivida por uma “comunidade afetiva”.

Estas negociações mnêmicas, entre os indivíduos e sua comunidade, não estão isentas de processos conflituos e de disputa. Pollack (1989) explicita como as “batalhas da memória” (p. 4) podem se dar entre as “memórias subterrâneas” – de indivíduos ou grupos marginalizados – e as “memórias oficiais” estabelecidas por um estado nação que, como controlador do poder é também o institucionalizante do passado e das lembranças. Buscamos aqui falar de militantes nicaraguenses que se organizaram, através das redes sociais, para lembrar coletivamente. Eles disputam, mas não com Estado nicaraguense, para

inscreverem nele suas histórias e trajetórias. Suas negociações são da ordem de uma memória sensível, os debates e discussões são entre os próprios membros, reunidos pelo aplicativo Whatsapp, debatem e esforçam-se entre si mesmos para discutir o que lembrar e o que esquecer

São essas negociações virtuais, em conjunto com as próprias memórias de militante do movimento sandinista e a bibliografia sobre a temática, que fundamentam esse exercício de reflexão sobre a memória política de um período histórico na Nicarágua.

No Brasil, recentemente foi defendida uma dissertação que avalia o recrutamento dos jovens em movimentos de alto riscos, analisando o caso específica da Nicarágua e da FSLN. Esta dissertação, defendida em 2016 e orientada pela professora Angela Alonso, no Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, mostra que mesmo incipiente há certo interesse, de parte da sociologia, pelo tema. A autora buscou descobrir o que motivou esses jovens a participar em um movimento de alto risco. A autora, Maria Mercedes Salgado de Azevedo faz uso principalmente de entrevistas recopiladas pela militante sandinista Monica Baltodano. Isto mostra também que existe ainda um imenso material descritivo, entrevistas, depoimentos que ainda não foram analisados em profundidade. Como disse Salgado de Azevedo há um banco de dados de militantes da segunda promoção da FSLN, que compreende 1500 pessoas que ainda não foi estudado. Essas pessoas foram recrutadas até nove antes da vitória da revolução, em julho de 1979. Por outro lado, existe um vasto campo de conhecimento produzido sobre o assunto, sobretudo a partir da derrota eleitoral da FSLN, em fevereiro de 1990. Apenas mencionamos alguns como os trabalhos de Martí I Puig y Close, David (2009), Ramírez (1999) Carlos Vilas (1992), Torres-Rivas (2007)

Um pano de fundo histórico

Para um grupo social, é difícil encontrar novos significados sobre sua própria memória, sobretudo depois de mais de quarenta anos, tempo em que ocorreram mudanças sociais e políticas que afetaram de uma forma ou outra as trajetórias dos indivíduos do grupo.

Para uma melhor delimitação do período em foco, ou seja do processo revolucionário é definido assim:

De 1975 a 1979: integração do grupo (em estudo) preparação das tarefas de organização, mobilização e da insurreição

De 1979 a 1990: etapa da revolução no poder

1990: derrota eleitoral da FSLN e perda do governo

De 1990 a 1997: FSLN é oposição

2007: volta da FSLN ao governo após vitória eleitoral

A partir de 1979, ocorreram profundas transformações e acontecimentos que mudaram tanto o contexto social, como as próprias crenças e convicções políticas e ideológicas dos membros do grupo. Entre 1975 e 1979 foi o período de intensas mobilizações e organizações da população que levou ao levantamento insurrecional. 1979 foi o ano da vitória, da derrubada da ditadura da família Somoza, no poder desde 1937.

Em 1933, depois que Sandino expulsou os soldados norte-americanos, Anastácio Somoza García foi nomeado chefe da *Guardia Nacional*. Somoza organizou o assassinato de Sandino. O líder guerrilheiro foi morto em 21 de fevereiro de 1934. Naquela noite, Sandino tinha jantado com o presidente Juan Bautista Sacasa. Depois da janta, Sandino e seus acompanhantes foram detidos pelos soldados. Num terreno baldio, em Manágua, os fuzis Springfield, fabricados em 1903, dispararam contra Sandino.

Em 21 de setembro de 1956, numa festa na cidade de León, Somoza foi morto pelo poeta Rigoberto López Pérez. Esse ato solitário deu início ao fim da ditadura, mas os anos seguintes foram de repressão comandada por Anastasio Somoza Portocarrero. Em 1961 surgiu a Frente Sandinista de Libertação Nacional formada principalmente por estudantes universitários. É importante ressaltar que esta organização reivindica o caráter do movimento antimperialista de Sandino, por isso incorpora o nome de “sandinista” na sua identidade. O surgimento desta organização é uma ruptura com os partidos tradicionais de esquerda, principalmente dos partidos comunistas, predominantemente pró-soviéticos. A FSLN rompe com as políticas conservadoras do partido comunista, e propõe a luta armada para derrubar a ditadura de Somoza. De 1961 até 1974 a FSLN se manteve numa etapa de “acumulação de forças”. Durante este período muitos jovens da cidade, principalmente universitários

marcharam para as montanhas do norte do país. O objetivo central era criar um exército camponês, que fosse capaz de enfrentar o exército dos Estados Unidos, poder externo que sustentava a ditadura. A constituição desse exército se inseria dentro da estratégia de guerra popular prolongada de estilo maoísta e da luta de libertação nacional do povo de Vietnã. Durante esse período, a FSLN foi um grupo reduzido dividido entre as montanhas e as cidades. Nas cidades, principalmente Manágua e León, a FSLN contava com o apoio dos estudantes universitários e as comunidades eclesiais de base em alguns bairros de Manágua. Na Universidade Nacional Autônoma da Nicarágua (UNAN), surgiu na primeira metade dos anos sessenta, a Frente Estudantil Revolucionária (FER) de orientação sandinista e que era a intermediação entre a FSLN e as bases estudantis. Nos bairros, a partir das comunidades de base surge no início da década de 70 o Movimento Cristão. A FER surge como estratégia da FSLN para estabelecer vínculos com o movimento estudantil e o Movimento cristão surge como um movimento autônomo, na interação das comunidades eclesiais de base, nos bairros, as classes médias se integram, especificamente os estudantes dos colégios privados e religiosos de Manágua. A organização das classes médias nas comunidades de bairros pode ser entendida no contexto da expansão da teologia da libertação na América Latina. Na Nicarágua, a conciliação da luta contra a injustiça social e a opressão, representada pela ditadura de Somoza, estimulou às famílias das classes médias e inclusive da burguesia, a participar de muitas formas no movimento, e principalmente permitindo que seus filhos participassem de tempo integral nas atividades de alto risco. Carlos Vilas, sociólogo argentino, desvendará posteriormente num contundente artigo, as redes familiares entre a burguesia opositoras e os principais dirigentes sandinistas. Voltaremos mais adiante sobre este ponto.

Em dezembro de 1974, um comando da FSLN invade a residência de um alto funcionário da ditadura somozista: José Maria Castillo. A festa foi interrompida pelos sandinistas. Momentos antes, o embaixador dos Estados Unidos tinha abandonado a festa. Fazer menção a este acontecimento é relevante porque marca o fim da chamada acumulação de forças que era uma etapa silenciosa. A publicidade nacional e internacional desta ação gerou e ampliou as simpatias da FSLN. E foi um fator que motivou a participação de jovens dos colégios e universidades.

A repressão posterior impactou as frágeis estruturas da organização, a maior parte dos dirigentes estava no exterior e da crise surgiram três tendências equivalentes a diferentes estratégias. A) Guerra Popular Prolongada (GPP): dava continuidade à estratégia original de guerra prolongada priorizando constituição e fortalecimento do exército camponês. B) Tendência Proletária: seguia uma visão marxista “ortodoxa”, de criação de um partido operário e organização das massas. C) “terceirista”: apostava na insurreição nas cidades e em amplas alianças com a burguesia antisomozista. Esta última tendência foi a que exerceu a hegemonia do movimento e impôs sua estratégia e alianças amplas com a burguesia que lhe permitiu obter recursos importantes: armas, equipamentos, etc, fruto de suas alianças internacionais. Na prática havia uma divisão de trabalho entre as três tendências para a preparação da insurreição e organização das massas. Essa articulação foi um elemento decisivo para vitória final em julho de 1979.

Dois momentos são relevantes para a compreensão da problemática que trata este trabalho. O primeiro momento é o da vitória da revolução em julho de 1979 e os impactos sobre a vida dos membros do movimento estudantil universitário; o segundo é o da derrota eleitoral da FSLN em fevereiro de 1990. O período revolucionário, que se iniciou em julho de 1979 e finalizou em fevereiro de 1990 esteve marcado por uma sangrenta guerra civil, incrementada com o apoio dos Estados Unidos.

A maior parte dos membros do grupo que participou do movimento era das classes médias e provinham dos colégios religiosos privados. Muitos deles tinham se integrado nos colégios antes de chegar à universidade. As principais motivações como é possível imaginar giram ao redor da luta contra a ditadura e valores de justiça social e solidariedade com as populações pobres, o que levou estes jovens a participar, a inícios dos anos 70, em greves e atividades contra o aumento dos preços do leite e ainda pela liberdade dos prisioneiros políticos.

Nos colégios, padres e freiras organizaram grupos de estudos da realidade nacional, procurando desenvolver um processo de conscientização. Dessas iniciativas surgiu em 1974, o movimento cristão, que já no fim da década se tornaria o MCR (movimento cristão revolucionário).

Este movimento foi um elemento fundamental para a constituição das bases de jovens universitários e dos bairros da tendência proletária da FSLN. E foi organizado pelos padres

jesuítas como Fernando Cardenal, Uriel Molina e Gaspar Garcia Laviana, padre espanhol que é morto em 1979 quando combatia aos soldados de Somoza. Em 1976, o Movimento cristão revolucionário, junto com a FER, da tendência proletária da FSLN, organizaram (principalmente na Universidade Nacional Autônoma da Nicarágua – UNAN), a Unidade Estudantil que permitiu ampliar as bases de apoio do sandinismo.

O grupo que é o foco deste trabalho pertence à unidade estudantil que aglutinou o movimento cristão e a FER da tendência proletária. A composição do grupo é na sua maioria de origem dos colégios religiosos privados, que desenvolveram atividades nos bairros de Manágua e León e que evoluíram de ações pastorais para atividades políticas de alto riscos. Os padres jesuítas foram cruciais num primeiro momento, criando as condições de organização e de conscientização destes jovens que posteriormente foram a bases sociais fundamentais do movimento sandinista, e de onde surgiram seus principais dirigentes. Das famílias cristãs das classes médias saíram os militantes profissionais, ou em labores de retaguarda, oferecendo suas casas, veículos e outros recursos aos militantes clandestinos.

Uma disputa subterrânea, pelo controle ou influência sobre as lutas contra a ditadura, acontecia no campo das ideologias: de um lado, o “marxismo” principalmente de origem soviético; e pelo outro, a teologia da libertação. A vitória da revolução cubana tinha estimulado a imaginação dos jovens latino-americanos. A possibilidade de uma revolução na América Latina, seguindo o exemplo da revolução cubana, provocou entusiasmo na juventude e preocupação nos governos e na igreja. A teologia da libertação tem origem nesse contexto mostrando que não haveria contradição entre marxismo e religião. Aparentemente Deus e o diabo se reconciliaram, mas depois é Deus que vence essa disputa. A religião, na sua versão da Teologia da Libertação, levou muitos jovens acreditar que as mudanças se realizariam na terra, e como Cristo, estarem disposto a morrer, e que desse sacrifício surgiria o homem novo.

Assim se estabeleceu uma disputa nem sempre explícita, oculta, mas a influência desta corrente ideológica/política/teológica foi determinante para a vitória sandinista em julho de 1979. Se a religião foi determinante para a vitória foi porque ela se transformou num estímulo, e uma justificativa para a luta; e na derrota da revolução (1990) se tornou um refúgio, a religião voltou a ser a religião tradicional, e a amargura da derrota só é mitigada pelas orações. A reconstrução da memória do grupo é impedida pelo presente e se limita à

lembranças de fatos realizados no período de 1975-1979. Qualquer discussão política do presente é vedada, uma ironia para um grupo de jovens que arriscou sua vida num movimento contra a ditadura, isto é, um movimento político. Um observador de fora não conseguiria diferenciar este grupo da maioria dos grupos que proliferam na internet com troca de mensagens de autoajuda, orações, piadas. O bem mais prezado é a unidade e coesão que se presume teve no passado. Qualquer ponto ou tema que pode levar a uma discussão e conflito são evitados e até proibidos como as referências a determinadas situações que envolvem as políticas do governo do Ortega, como é o caso da polémica construção do canal interoceânico resultado de um acordo com empresários chineses; ou da repressão aos movimentos populares, especificamente os movimentos camponeses contra as desapropriações como parte do projeto interoceânico; ou ainda a repressão, como lembrou a senhora H, aos aposentados que protestavam contra a reforma da previdência. Qualquer menção a estes temas provoca fortes reações que produzem uma crise momentânea, mas que recupera seu equilíbrio.

Como disse o filósofo Paul Ricoeur (2007), a memória opera uma relação dialética de presença e ausência, isto é, o esquecimento tem um papel importante nos estudos sobre tempo e memória. A nós, cabe captar, estes esforços³, não só de lembrar, mas, também, de realizar um “esquecimento manifesto” (RICOEUR 2007) – um esquecer que é consentido e até desejado. A tentativa de propagação do esquecimento (quase um convite de “vamos esquecer também?”) pode ser vista na chave de uma negociação da “memória coletiva” (Halbwachs, 2006). Como alerta Pierre Jeudy, o trabalho de recomposição do passado não é ingênuo, “a reconstituição pode apresentar um dano, ela não tem nada de inocente e, para além de seu jogo de crença, impõe formas de terror à memória” (JEUDY, ANO, p. 119).

³ Entendemos esforço no sentido que propõe Bachelard (1988), de uma ação e reflexão sobre a memória. De uma operação que relaciona profundamente o tempo pensado e o tempo vivido.

Memória negociada - vamos falar de política?

Dessa forma, não é por acaso que selecionamos um grupo do Whatsapp como uma das principais pistas para entendermos esse “árduo trabalho de recomposição” (Bosi, 2006, p,411). Ele demonstra, antes de tudo, os múltiplos usos e apropriações pelas quais a memória coletiva é submetida. Igualmente, evidencia a pluralidade das trajetórias individuais, que coincidiram inclusive com uma dispersão nacional e internacional de seus membros.

Em junho de 2017, o grupo que é objeto desta investigação comemora as ações realizadas na segunda metade da década dos anos 70, para lembrar os companheiros que foram mortos na luta. Para render homenagem à memória dos companheiros mortos, se organizou missas em determinadas datas significativas, visitaram os túmulos, entraram em contato com os familiares que também participaram desta homenagem, reproduziram fotografias e esboços das suas biografias.

A senhora H, hoje formada em arquitetura, propôs a criação de um grupo do whatsapp paralelo, dedicado a fazer uma pesquisa científica centrada na experiência e trajetória do grupo de militantes. Neste grupo foi incluído o senhor K, poeta e atualmente professor de literatura. A partir da criação deste grupo de pesquisa, se iniciou uma pesquisa bibliográfica tanto no que se refere ao processo revolucionário nicaraguense de um ponto de vista crítico, como à perspectiva da memória e das trajetórias reunidas ao redor de um projeto individual e coletivo.

Este grupo paralelo faz reflexões sobre o que é postado no outro. Recentemente no outro grupo, onde tem mais de 50 membros, alguém postou uma matéria de um jornal acerca da situação da Venezuela, era uma visão crítica ao governo de Maduro. Outros membros do grupo, postaram matérias em defesa do chavismo. Sucedeu-se uma troca frenética de opiniões entre alguns membros do grupo. Uns a favor e outros em contra do governo chavista de Maduro. A escaramuça durou muito pouco. Da massa silenciosa surgiram algumas vozes chamando a atenção, dizendo que o grupo não tinha sido criado para discutir política. Outras vozes defenderam o direito de discutir política. Apesar disso, o episódio mostra que o bem mais precioso para a maioria é a “preservação da memória”, e, portanto, não deve ter interferências das coisas políticas atuais.

Se se considera a situação política do país, o grupo se encontra dividido, entre aqueles

que apoiam o governo e tem cargos nele, e os que militam no movimento de esquerda sandinista que fazem oposição ao governo de Ortega, também sandinista. Até agora a vontade de manter o grupo integrado tem prevalecido e o espírito da política tem se mantido controlado em função disso.

Conclusões

Neste texto, tentamos demonstrar como um grupo de antigos militantes do movimento estudantil estão agenciando as temporalidades de suas experiências vividas na época da Revolução Sandinista na Nicarágua. São processos contraditórios, afetuosos, polêmicos, criativos. Com cada nova notícia, frase, ponto de vista, são realinhados e questionados os projetos e posicionamentos atuais, assim como a gestão de um passado, da experiência “em comum”. Para fazer referência a Halbwachs, esta análise se propôs a investigar o íntimo de uma “comunidade afetiva”, apontado para suas peculiaridades nos esforços pessoais e coletivos de inscrever-se sobre um tempo que se esvai.

O caráter dessa inscrição no tempo ainda está em disputa. O que será registrado? Quem lembraremos? Quais as tensões entre um “lembrar romântico” e um “grupo separado” “crítico” ou “acadêmico”? Todas essas categorias são mobilizadas pelos atores para negociarem o tempo.

Num primeiro olhar, o grupo se mostrou pequeno, limitado e incapaz de incluir o mundo presente, de incorporar inclusive suas próprias trajetórias individuais e mudanças reflexos do processo de transformações ocorridas neste longo período. Basta mencionar este período foi cheio de graves tensões, de conflitos intensos tanto militares como políticos. Esse contexto afetou ao grupo que hoje aparece imune aparentemente a seus efeitos. Apesar do anterior, pode-se afirmar que as recusas e as contradições produzidas, os conflitos e os silêncios também são formas ativas de lidar com o mundo presente. O esquecimento voluntário e o esforço de transpor o esquecimento para a memória de um grupo é uma ação sobre o tempo presente

Referencias

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração* SP, Ática, 1988.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Centauro, 2006.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- POLLACK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989
- MARTÍ I PUIG, Salvador y David Close. *Nicaragua y el FSLN 1979-2009 ¿Qué queda de la revolución?*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2009.
- RAMÍREZ, Sergio. *Adiós muchachos. Una memoria de la revolución sandinista*. México: Aguilar, 1999.
- RICOEUR, Paul. O esquecimento. In *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007
- SALGADO DE AZEVEDO, María Mercedes. *Recrutamento em movimentos de alto risco: o caso da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, 2016.
- TORRES-RIVAS, Edelberto. Nicaragua: el retorno del sandinismo transfigurado. *Nueva Sociedad*, nº 207 (enero-febrero 2007): 4-10.
- VILAS, Carlos. *Asuntos de família: clases, linajes y política em la nicaragua contemporânea*. *Desarrollo económico* vol. 32. Nº 27 (octubre-diciembre, 1992)